

VOLÚPIA, Maria Andersen, Salvador Ferreira, Dimi Éter

### **Simbiose de poesia, desenho e pintura**

Deve um livro, tal como qualquer obra de arte, ser terreno fértil de ideias, causar ao leitor um estimulante desassossego, emocioná-lo, motivá-lo para a descoberta dos sentidos que, no conceito defendido por Mallarmé, apenas devem estar sugeridos. Só a sugestão pode conferir ao leitor o estatuto de achador e organizador dos sentidos, ao mesmo tempo que faz com ele seja uma espécie de autor. Só há verdadeiramente obra de arte, seja um livro ou qualquer outro gênero, quando o leitor lhe atribui ou dá um sentido, o seu, naturalmente. E só nesse momento o livro ou outra qualquer manifestação de arte acontece em pleno. A causa de um livro deve resultar na consequência dele vir a ser apropriado pelo leitor, apropriação ou pertença não de um mero objeto, mas fruto do estímulo, da emoção e da essência que o leitor achou nele.

Não temos qualquer reboço em circunscrever a obra que aqui apresentamos nas considerações que acabámos de tecer. Ela constitui-se num desafio ao leitor, exigindo-lhe trilhar caminhos de descoberta, motivados pela sedução e pela emoção.

Estruturado por uma tessitura de planos geradores de um entrelaçamento de sentidos, consubstanciados em apelos e ânsias, de encontros e desencontros, de indagação, de desejo, prazer, erotismo, amor e sonho, o livro envolve-se numa atmosfera impregnada de volúpia, nome da deusa da mitologia grega, filha de Eros que significa Amor e Psique com o significado de Alma; o Amor e a Alma, a síntese perfeita que dá nome ao livro.

Esta viagem, ou esta “trip dos sentidos”, como é referida na sinopse do livro, estabelece-se a partir da referência de entidades mitológicas que serve de *leitmotiv* para os poemas de Dimi Éter, para a expressão plástica dos desenhos de Maria Andersen e a coloração que Salvador Ferreira lhes acrescenta.

As relações de trama de cada um desses destinadores pode criar a ideia de que são portas que se abrem escancaradas para se estabelecer uma relação direta e fechada de sentido. Se não podemos abonar o contrário, ou seja, uma acareação ou confronto, o que se constata é que a poética de Dimi Éter e as

imagens de Maria Andersen e Salvador Ferreira não visam explicar ou explicitar, antes mantêm ou mesmo acentuam os níveis de sugestão, de ambiguidade ou de poeticidade que as referências mitológicas já transportam, deixando nas mãos do leitor a tarefa, já antes referida, de ser ele a encontrar e a atar os sentidos. De facto, o livro, no seu todo, não se oferece de bandeja, obriga, isso sim, a interpretação exigente, o que faz dele um bom livro.

Acresce que os deuses trazem consigo a distância dos tempos e lugares ancestrais. Perduram como entidades mitológicas que parecem explicar a razão das coisas, por vezes até a sua transcendência. Mas, como dizia Fernando Pessoa, “O mito é o nada que é tudo”<sup>1</sup> E, em boa verdade, os deuses vestiram-se com roupagens simbólicas ou os humanos vestiram-nos, porque simbolizavam o que não fora ainda entendido pela razão do conhecimento objetivo. Domínio do transcendente, do maravilhoso e do sobrenatural, os deuses continuam a exercer em nós o fascínio pelo longínquo, pelo onírico e pelo inexplicável, campo da *poiesis*, da *genesis* grata à poesia que não tem como intuito ou mester a explicação das coisas, mas sim envolver-se com a sua complexidade. Fernando Pessoa também dizia que ‘a poesia é a arte do sonho’ e adiantava que “o maior poeta [...] será o que tiver mais capacidade de sonho”<sup>2</sup>. É, também, a nosso ver, o desiderato deste livro: o sonho. Ou seja, almejar os limites insondáveis da poesia, procurá-la nas suas referências mais distantes, no mistério das coisas onde reside, porque, como diz Frederico Garcia Lorca, ‘Todas as coisas têm o seu mistério e a poesia é o mistério de todas as coisas’.

Tece-se este livro por três manifestações estéticas (a poesia, o desenho e a pintura), que se implicam ou pretextuam, como já se referiu, com a plêiade de divindades e das referências mitológicas que são convidadas para a viagem. São apresentadas três séries, seguindo uma ordem alfabética, a primeira com vinte e uma entradas, a segunda com oito e a terceira apenas com duas [...]

O final do roteiro sugere a ideia de um fim em aberto, como se os autores pretendam dizer-nos, a nós leitores, que o livro não acabou, pois ele está para

---

<sup>1</sup> “Ulisses”, *Mensagem*. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 10.ª edição, 1972.

<sup>2</sup> Páginas de Estética e Teoria Literárias. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1966.

além da sua dimensão física, ou que o amor e o sonho são ou devem ser sempre objeto de recomeço e reencontro, matéria e essência de viagem irrecusável.

Resulta também da viagem do livro a ideia de que carecemos da vida do amor e do sonho, enquanto condição *sin qua non* da nossa natureza humana, que confrontou as delícias proibidas do Éden, não para nos cobrirmos do pudor instituído, mas sim para nos desnudarmos até à mais pura condição impudica, livre ou liberta do preconceito ou do convencional, e, por essa via natural, idêntica ou aproximada ao tempo iniciático do nascer, desnudarmo-nos em absoluto. É essa apologia do nu, reiterada ao longo do livro, impregnada de emoção da nossa redescoberta, a de sermos isentos de perdão por não sermos sujeitos nem objeto de pecado.

Propõe o livro, também, e cito versos do último poema, “a ideia de fazer / poemas descompromissados”<sup>3</sup>, com, e volto a citar: “a ideia de fazer poemas compromissados”<sup>4</sup>. Compromissos, diria eu, com o que foi descompromissado.

A arte proposta, seja ela a que o livro patenteia pela palavra poética e pela iconografia das imagens que a acompanham, ou a arte da vida, é que sigamos no sentido de nos despirmos do que somos para sermos apenas o que devemos ser em verdade.

Se este livro é uma confluência de desejos e vontades, em torno das temáticas e conteúdos que o estruturam, é-o, também, por consonância, uma manifestação de virtuosismo. Virtuosismo expresso pela poesia de Dimi Éter. Virtuosismo, não menor, dos desenhos de Maria Andersen, pela figuração plástica do corpo nu e da coloração sugestiva que Salvador Ferreira lhe acentua.

Os poemas de Dimi Éter não caem na tentação de se constituírem em paráfrases das temáticas introduzidas pelos sentidos implícitos nas referências mitológicas, não se agarram às mensagens que as circunscrevem, insinuam-se tão-só como um roçar de asas de Cupido. A par desse afastamento tácito, há uma oficina poética que promove a economia de linguagem, na convicção de que não é por ser intenso o caudal verbal que o poema vai dizer muito e bem ou privilegiar os

---

<sup>3</sup> Volúpia. Maria Andersen, Salvador Ferreira, Dimi Éter. Lisboa: Chiado Books, 1.ª edição, página 128, 2018.

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*.

níveis de sugestão. De rima atenuada, discreta, o quanto baste para produzir cintilações que, a par de outros artifícios estéticos, caso da anáfora, do *enjambement*, do paralelismo, do verso curto, entre outros, geram uma musicalidade e imprimem uma cadência e ritmo de leitura rápida e melodiosa. A linguagem coloquial de cunho recorrente conta ainda, aqui e ali, com a inserção de expressões de um linguajar do quotidiano que se validam na conotação que ganham nos contextos onde se inserem, ao mesmo tempo que revitalizam a linguagem poética.

Da realização plástica de Maria Andersen revela-se ou exhibe-se, em harmonia gesto-corporal, o nu dos corpos. A volúpia, o erótico, a insinuação, a sedução, o desejo, a entrega, o prazer, a sensualidade, a luxúria que brotam das imagens moldam na perfeição o sentido do livro. Contam esses desenhos, como já se referiu, com a pintura de Salvador Ferreira que, para além da coloração de que impregna os desenhos, fragmenta-os e estabelece planos que se entrecruzam e interseccionam através do concurso de séries de traços, tracejados, manchas e pontos que mais acentuam a complexidade estético-poética das imagens, valorizando-as.

Da arte das artes que participam na criação do livro resulta, então, um todo em comunhão perfeita, uma simbiose de processos e intenções por onde não passa qualquer agressão estético-moral, mas, sim, privilegiada, uma graciosidade estético-natural.

Fernando Hilário

Casa do Cerquido, Vilar do Monte, 5 de outubro 2018